



TALKS

Acompanhe em direto na plataforma multimédia JE TV, em www.jornaleconomico.pt

Saiba como está o mercado de M&A e quais as perspetivas para 2021. Esperamos por si!

25 março | 17h00

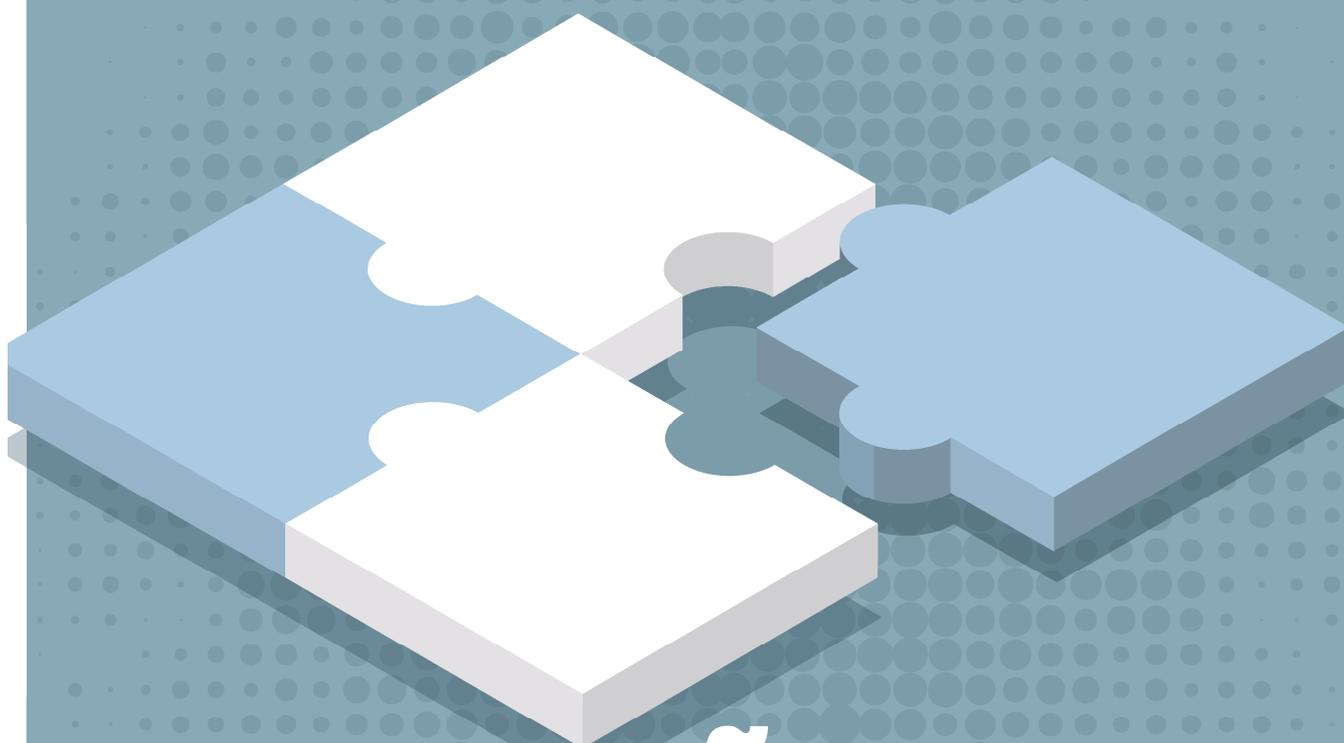
Convidados:

Este suplemento faz parte integrante do Jornal Económico Nº 2085 não pode ser vendido separadamente

19 março 2021 | ESPECIAL



ESPECIAL



FUSÕES & AQUISIÇÕES

TENDÊNCIA DE CRESCIMENTO CIMENTA OTIMISMO PARA 2021

O mercado de fusões e aquisições em Portugal mostrou ser resiliente e cresceu, apesar da crise pandémica. Os primeiros dados de 2021 e as perspetivas de novas oportunidades de negócio fazem com que os principais agentes do mercado olhem para o resto do ano com otimismo, antecipando a continuação da tendência de crescimento.

MERCADO TRANSACIONAL

BCP, Garrigues, Morais Leitão e Santander por trás de mais e maiores transações ● II

ENTREVISTA

Oliver Hill
Editor do TTR - Transactional Track Record

“China está interessada na consolidação da banca portuguesa” ● VIII



PÓS-PANDEMIA

Condições atuais são propícias ao aumento dos negócios ● X

FÓRUM

Que tendências no mercado de fusões e aquisições esperam com a abertura progressiva das economias? ● XII

EDITORIAL

O futuro passa pela consolidação



FILIPE ALVES
Diretor

A evolução da pandemia permanece uma incógnita, mas a generalidade das instituições apontam para uma recuperação da economia global no segundo semestre do ano. No entanto, por muito rápida que seja a retoma, para muitas empresas já virá tarde.

Em alguns sectores de atividade, este contexto deverá conduzir a um aumento do número de insolvências, mas também de operações de consolidação entre empresas e de compra de ativos em liquidação. Provavelmente só no próximo ano conseguiremos perceber a dimensão deste fenómeno, mas muito provavelmente veremos investidores nacionais estrangeiros comprarem ativos em Portugal, em muitos casos a preço de saldo.

Porém, a pandemia e seus impactos vieram apenas acelerar tendências que já se faziam sentir e que são alimentadas pela crescente digitalização. O sector bancário é disso exemplo, com os novos *players* digitais a ameaçarem a hegemonia dos bancos tradicionais. Será necessário consolidar, de maneira a reduzir custos e alcançar sinergias.

Por outro lado, a concentração entre empresas é necessária para que o país possa reforçar a sua competitividade nos mercados internacionais. O tecido produtivo português é composto sobretudo por micro e pequenas empresas e precisamos de ter *players* com maior dimensão e massa crítica. Existem, claro, alternativas às fusões, como por exemplo as parcerias entre empresas. Mas embora essas alternativas sejam úteis em determinados contextos – como a entrada em novos mercados internacionais, por exemplo – podem não resolver o problema da falta de capital necessário para investir. Vem aí uma nova realidade e serão necessárias soluções criativas para enfrentar os muitos desafios. ●

INFOGRAFIA

NEGÓCIOS ULTRAPASSARAM OS 18 MIL MILHÕES DE EUROS

No ano passado, o quarto trimestre foi essencial para a recuperação de fusões e aquisições em Portugal, que caíram 22% em número de operações (379) e aumentaram 5% em termos de valor movimentado, para os 18 mil milhões de euros. Os fundos de private equity estiveram envolvidos em 29 transações tornadas públicas.

MERCADO TRANSACIONAL

Garrigues, Morais Leitão, BCP e Santander por trás de mais e maiores transações

ASSESSORES JURÍDICOS

VALOR DAS OPERAÇÕES ASSESSORADAS EM PORTUGAL (milhões de euros)

MARIANA BANDEIRA

mbandeira@jornaleconomico.pt

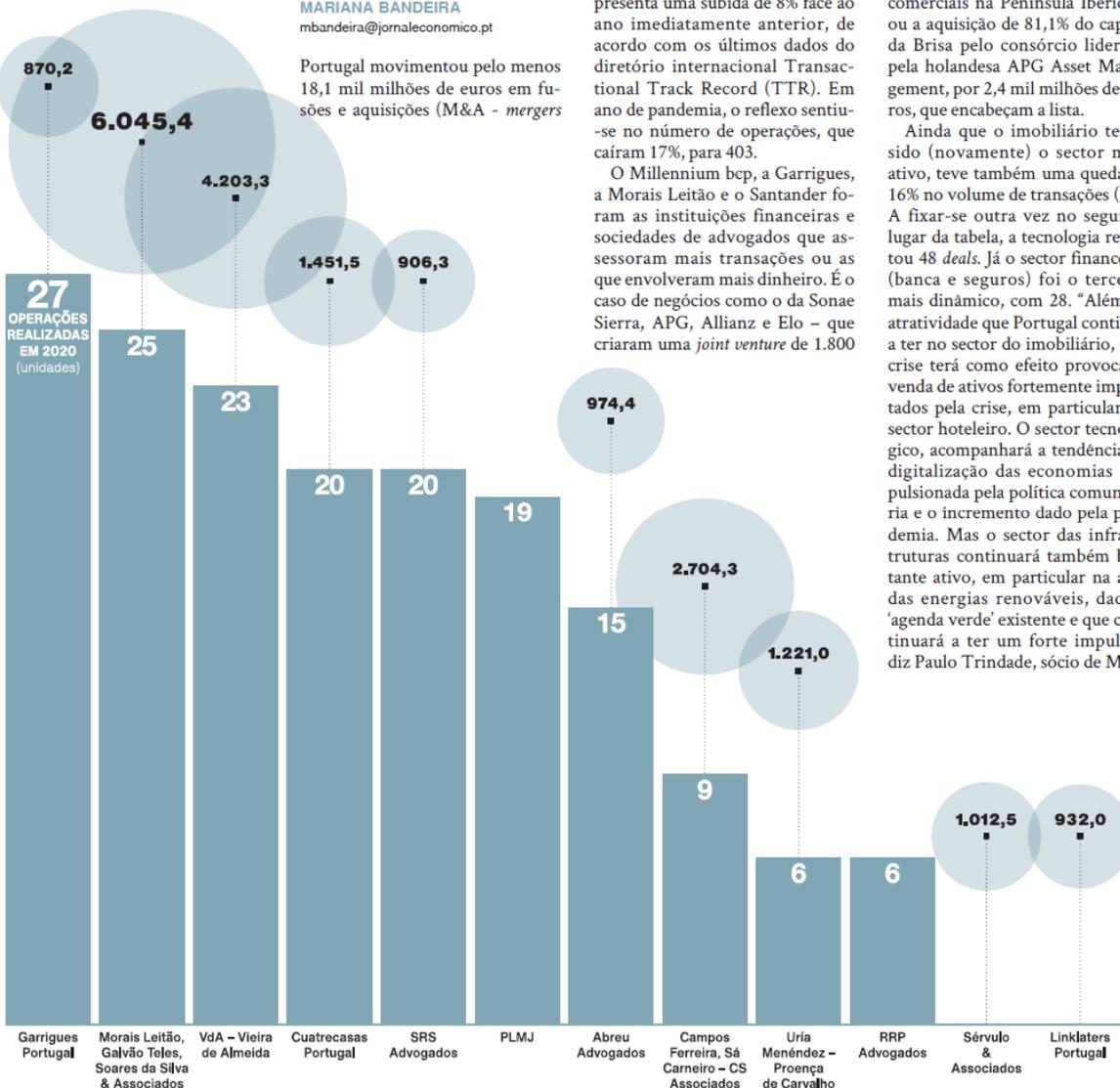
Portugal movimentou pelo menos 18,1 mil milhões de euros em fusões e aquisições (M&A - *mergers*

and acquisitions) em 2020, o que representa uma subida de 8% face ao ano imediatamente anterior, de acordo com os últimos dados do diretório internacional Transaccional Track Record (TTR). Em ano de pandemia, o reflexo sentiu-se no número de operações, que caíram 17%, para 403.

O Millennium bcp, a Garrigues, a Morais Leitão e o Santander foram as instituições financeiras e sociedades de advogados que assessoraram mais transações ou as que envolveram mais dinheiro. É o caso de negócios como o da Sonae Sierra, APG, Allianz e Elo – que criaram uma *joint venture* de 1.800

milhões de euros para seis centros comerciais na Península Ibérica – ou a aquisição de 81,1% do capital da Brisa pelo consórcio liderado pela holandesa APG Asset Management, por 2,4 mil milhões de euros, que encabeçam a lista.

Ainda que o imobiliário tenha sido (novamente) o sector mais ativo, teve também uma queda de 16% no volume de transações (88). A fixar-se outra vez no segundo lugar da tabela, a tecnologia registou 48 *deals*. Já o sector financeiro (banca e seguros) foi o terceiro mais dinâmico, com 28. “Além da atratividade que Portugal continua a ter no sector do imobiliário, esta crise terá como efeito provocar a venda de ativos fortemente impactados pela crise, em particular no sector hoteleiro. O sector tecnológico, acompanhará a tendência da digitalização das economias impulsionada pela política comunitária e o incremento dado pela pandemia. Mas o sector das infraestruturas continuará também bastante ativo, em particular na área das energias renováveis, dada a ‘agenda verde’ existente e que continuará a ter um forte impulso”, diz Paulo Trindade, sócio de M&A



Fonte: TTR - Transaccional Track Record



da Vieira de Almeida (VdA), ao Jornal Económico (JE).

Em 2020, os fundos de *private equity* estiveram envolvidos em 29 transações no país (das quais 12 tiveram valores os divulgados e ultrapassaram os 4,2 mil milhões de euros). Por sua vez, os fundos de capital de risco (*venture capital*) movimentaram 881 milhões de euros ao longo de 2020 – uma boa notícia para as *startups* que costumam ter dificuldade em aceder a financiamento bancário, pois tratou-se de um aumento de investimento na ordem dos 117% em relação a 2019.

Tal como têm destacado os especialistas, os terceiro e quarto trimestres foram cruciais para a recuperação de 2020 neste mercado. Só nos últimos seis meses do ano houve 208 negócios no radar do TTR, o que, apesar de representar uma redução significativa em relação aos últimos três meses de 2019, fez com que Portugal ultrapasse a barreira dos 370 negócios tornados públicos. “Na primavera as transações foram muito afetadas por incerteza e pessimismo. Em todo o caso, assistiu-se a uma recuperação forte no segundo semestre, impulsionada, de modo particular, por operações de venda de

ativos a fundos de *private equity* e a outros investidores com disponibilidade de liquidez. As condições que permitiram essa recuperação no segundo semestre do ano passado mantêm-se, nomeadamente a disponibilidade e o baixo custo do capital”, lembra David Oliveira Festas, sócio da CS Advogados. “O último trimestre de 2020 foi muito ativo, pelo que não surpreende que, neste primeiro bimestre, o ritmo não seja ainda acelerado”, sublinha o advogado, antevendo agora oportunidades no turismo e

operações com SPAC (Special Purpose Acquisition Companies) em alternativa às de M&A ou IPO (oferta pública inicial).

Aliás, as previsões dos consultores, banqueiros e advogados (ler páginas seguintes deste Especial) indicam que os ensinamentos desse período ficaram e a resiliência irá manter-se. “O confinamento poderá ter um impacto nas puramente transações nacionais, ainda assim de forma limitada, pois, passado um ano desde o início da pandemia, todos os atores já aprenderam a trabalhar em ‘ambiente Covid’, como já se demonstrou”, refere Paulo Trindade. “Não podemos esquecer que as previsões económicas para 2021 apontavam para uma recuperação económica assumindo pressupostos que não se estão a verificar em matéria de combate à pandemia, como é o caso da vacinação e o papel prevalente das novas estirpes. A isto acresce a demora na execução da chamada *bazuca europeia*, as interrogações sobre como será gerido o fim das moratórias entre outros fatores de incerteza próprios de uma crise que só tem paralelo (com as devidas adaptações) há 100 anos atrás”, alerta o advogado da VdA.

Diogo Perestrelo, sócio da

PLMJ, destaca ainda a venda da Prio pela Oxy e a venda da TAP pelo acionista David Neeleman e elenca ao JE três razões pelas quais o atual contexto é “extremamente favorável” ao crescimento expressivo do M&A: “Desde logo, pela enorme liquidez que existe no mercado internacional dos fundos de investimento. Depois, pelas taxas de juro, que continuam muito baixas e, finalmente, pelo fator da recuperação da confiança que a vacina veio trazer aos mercados”. “Se comparamos com há um ano, quando fomos surpreendidos pela pandemia, vemos os investidores a avançarem sem hesitação em operações com uma dimensão bastante robusta. Fechámos cinco transações entre o fim e o início deste ano e os dois primeiros meses do ano começaram muito fortes, como não assistíamos há muito tempo”, afirma o cocoordenador da área de Corporate/M&A da PLMJ.

Apesar de menos imponente em Portugal, um dos sectores que continuou a onda de consolidação dos últimos anos foi o farmacêutico – e é nesse rumo que deverá prosseguir, mas agora com atenção redobrada por parte dos reguladores. As autoridades da concorrência da União Europeia, da América do Norte e do Reino Unido anunciaram esta semana que iriam partilhar conhecimento sobre como examinar fusões de farmacêuticas para impedir que tais acordos possam aumentar os preços ou travar a inovação. O grupo de trabalho, apresentado por Bruxelas na terça-feira, inclui a FTC dos Estados Unidos, o Bureau de Concorrência canadiano, a Autoridade de Concorrência do Reino Unido e o Departamento de Justiça norte-americano. “Dado o alto volume de fusões farmacêuticas nos últimos anos, e no meio de um disparo dos preços dos medicamentos e preocupações constantes sobre a conduta anticoncorrencial na indústria, é imperativo que reexaminemos a nossa abordagem em relação à revisão das fusões”, referiu, aquando do lançamento desta equipa, Rebecca Slaughter, da FTC. O mesmo poderá seguir-se para outras empresas. ●



PAULO TRINDADE
Sócio de M&A da VdA



DIOGO PERESTRELO
Sócio e co-coordenador da área de Corporate M&A da PLMJ



DAVID OLIVEIRA FESTAS
Sócio da CS Advogados

“Vemos os investidores a avançarem sem hesitação em operações com uma dimensão bastante robusta”, refere Diogo Perestrelo, sócio da PLMJ

ASSESSORES FINANCEIROS

VALOR DAS OPERAÇÕES ASSESSORADAS EM PORTUGAL (milhões de euros)



Infografia: Mário Malhão | mmalhao@jornaleconomico.pt